

Políticas Públicas na Educação Brasileira

Ensino Aprendizagem e Metodologias

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
ENSINO APRENDIZAGEM E METODOLOGIAS**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas na educação brasileira: ensino aprendizagem e metodologias / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.
354 p. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 11)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-93243-85-1
DOI 10.22533/at.ed.851182604

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Professores – Condições de trabalho. 4. Professores – Formação.
I. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO I

O ENSINO DE BIOLOGIA NO PRÉ-VESTIBULAR SOLIDÁRIO: IMPLEMENTANDO MODALIDADES DIDÁTICAS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

José Jailson Lima Bezerra e Joseclécio Dutra Dantas..... 7

CAPÍTULO II

O USO DE JOGOS DIDÁTICOS E O ENSINO DE BIOLOGIA: APRENDENDO BOTÂNICA

Layane Pereira de Brito, Rafael Marinho Sousa, Kildery Muniz de Sousa, Antonio Edinardo Araújo Lima e Lucilene Silva Pereira Soares 17

CAPÍTULO III

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE METODOLOGIAS INOVADORAS E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE BIOLOGIA EM ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA-PI

Evandro Bacelar Costa, Raymara Sabrina Soares dos Santos, Alberto Alexandre de Sousa Borges, Adna Dallyla Torres Lopes e Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda..... 26

CAPÍTULO IV

A BOTÂNICA NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA ENSINÁ-LA

Andreia Quinto dos Santos, Guadalupe Edilma Licona de Macedo e Ricardo Jucá Chagas.....35

CAPÍTULO V

A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO ESTUDO DE CASO SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA OS DISCENTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Mariana Monteiro Soares Crespo de Alvarenga e Gerson Tavares do Carmo 43

CAPÍTULO VI

ATIVIDADES LABORATORIAIS: A IMPORTÂNCIA DAS MACROMOLÉCULAS NO NOSSO ORGANISMO

Hudson Guilherme Silva da Costa, Ranyelly Gomes Alves e Thiago Emmanuel Araújo Severo 56

CAPÍTULO VII

AVALIAÇÃO EM AULAS DE BIOLOGIA: OLHARES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Carlos Bruno Cabral de Oliveira, Mariana Guelero do Valle e Brenna Yonarah Santiago Avelar 63

CAPÍTULO VIII

CONHECIMENTOS PRÉVIOS DE ESTUDANTES DO FUNDAMENTAL II SOBRE PLANTAS

Anna Clara Targino Moreira Spinelli, Adrielly Ferreira Silva, Pietra Rolim Alencar Marques Costa e Rivete Silva Lima 76

CAPÍTULO IX

INSERÇÃO DE ATIVIDADES PRÁTICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO CONTEXTO DO ESTÁGIO DOCENTE- RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rosália Rodrigues da Costa Silva, Rayane Santana da Silva, Rose Kelly dos Santos Sousa e Emanuel Souto da Mota Silveira..... 86

CAPÍTULO X

O EFEITO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL

Nilson Soares de Vasconcelos Júnior, Maríllia Danielli Rodrigues Pontes e Lígia Gabriela da Cruz dos Santos..... 94

CAPÍTULO XI

O TEATRO CIENTÍFICO EXPERIMENTAL: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO E DE POPULARIZAÇÃO DA ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

Énery Gislayne de Sousa Melo e Antônio Carlos da Silva Miranda 101

CAPÍTULO XII

O USO DE MATERIAL DIDÁTICO ADAPTADO PARA ALUNOS CEGOS: EXPLORANDO O PERCEPTUAL TÁTIL ACERCA DAS CAMADAS DA TERRA

Ester Silva Chaves, Josiel de Oliveira Batista, Lucas Gomes de Sousa e Luciane Ferreira Mocrosky 115

CAPÍTULO XIII

PROPOSTAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS POR INVESTIGAÇÃO A PARTIR DE OBSERVAÇÕES EM UM LICEU FRANCÊS

Helaine Haddad Simões Machado, René Lozi e Nicole Biagioli 132

CAPÍTULO XIV

USO DA DINÂMICA “VOCÊ NA TEIA ALIMENTAR DO MANGUEZAL” PARA O ESTUDO DAS TEIAS ALIMENTARES

Nathalya Marillya de Andrade Silva, Márcia Adelino da Silva Dias, Josley Maycon de Sousa Nóbrega, Viviane Sousa Rocha, Cristiana Marinho da Costa e Silvana Formiga Sarmento 149

CAPÍTULO XV

A RÍTMICA DE DALCROZE E O ORFF-SCHULWERK DE CARL ORFF PERSPECTIVAS BASEADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Tássia Luiz da Costa Porto e José Tarcísio Grunennvaldt 158

CAPÍTULO XVI

PRINCÍPIOS HISTÓRICO-PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA O ENSINO E PESQUISA

Marlon Messias Santana Cruz, Pedro Alves Castro, Ana Gabriela Alves Medeiros e Sebastião Carlos dos Santos Carvalho 166

CAPÍTULO XVII

A GEOGRAFIA ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA E O ENSINO NA SALA DE AULA

Sílvia César Lopes da Silva, Maria do Socorro Guedes, Islany Caetano de Souza, Chistiane Jéssika Vidal Santos e Naéda Maria Assis Lucena de Moraes 178

CAPÍTULO XVIII

O ENSINO DA CARTOGRAFIA NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DO IFPE SOB UMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA

Wagner Salgado da Silva e Ana Paula Torres de Queiroz..... 187

CAPÍTULO XIX

O USO DAS GEOTECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA REPRESENTAÇÃO FITOBOTANICA DAS PALMEIRAS EM MT – UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Zuleika Alves de Arruda, Barbara Albués Campos, Valeria Rodrigues Marques Rosa e Ythallo Henrique Sebastião Gomes Costa..... 197

CAPÍTULO XX

O USO DE SIMULADOR COMO RECURSO DIDÁTICO-METODOLÓGICO EM AULA DE GEOGRAFIA

Thayana Brunna Queiroz Lima Sena, Deyse Mara Romualdo Soares, Gabriela Teles, Luciana de Lima e Robson Carlos Loureiro 209

CAPÍTULO XXI

EXPLORANDO A HISTÓRIA E A CULTURA NA LINGUAGEM DE CINEMA DE ANIMAÇÃO COM O SOFTWARE PIVOT

Giselle Maria Carvalho da Silva Lima 222

CAPÍTULO XXII

A ELABORAÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS COMO RECURSO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Larisse Carvalho de Oliveira, Tiago Alves Nunes e Jorge Luis Queiroz Carvalho..... 230

CAPÍTULO XXIII

OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: UM CONVITE A REFLEXÃO E AÇÃO

Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti e Marcelo Silva de Souza Ribeiro 241

CAPÍTULO XXIV

A INFLUÊNCIA DO PERFIL ESTUDANTIL NO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO PEDAGÓGICO: UM TRABALHO REALIZADO NO ÂMBITO DO ESTÁGIO III DO IFBA DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

Amanda Moreira de Oliveira Melo e Wdson Costa Santos..... 254

CAPÍTULO XXV

A UTILIZAÇÃO DE JOGOS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA DINAMIZAR O ENSINO DE

QUÍMICA

Weslei Oliveira de Jesus e Grazielle Alves dos Santos..... 261

CAPÍTULO XXVI

CONSUMO SUSTENTÁVEL DE MATERIAIS: CONHECIMENTOS DE QUÍMICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIEDADE COM CIDADANIA.

Joaldo Bezerra de Melo 270

CAPÍTULO XXVII

ENSINO DA QUÍMICA: DESIDRATAÇÃO OSMÓTICA DE UM PONTO DE VISTA CONTEXTUALIZADO, INVESTIGATIVO E PROBLEMATIZADOR, COM DISCENTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Aline Maria Herminio da Mata, Francivaldo de Sousa, Anely Maciel de Melo, Bruno Rodrigues Dantas, Valéria Marinho Leite Falcão e Max Rocha Quirino 280

CAPÍTULO XXVIII

ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE EXPERIMENTO DIDÁTICO DE GALVANOPLASTIA UTILIZANDO MATERIAIS DE BAIXO CUSTO

Antonio Zilverlan Germano Matos, Marco Aurélio da Silva Coutinho, Eziel Cardoso da Silva, Abraão Leal Alves, Francisco Dhiêgo Silveira Figueiredo e Dihêgo Henrique Lima Damacena..... 290

CAPÍTULO XXIX

EXTRAÇÃO DE CAFEÍNA: COMO TEMA CONTEXTUALIZADO GERADOR DO CONHECIMENTO, ATRAVÉS DA TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO DE QUÍMICA

Francivaldo de Sousa, Aline Maria Hermínio da Mata, Bruno Rodrigues Dantas, Anely Maciel de Melo, Valéria Marinho Leite Falcão e Max Rocha Quirino..... 306

CAPÍTULO XXX

PRÁTICA PROFISSIONAL II: UMA ANÁLISE DA METODOLOGIA E APLICAÇÃO DE MATERIAIS LTERNATIVOS NO ENSINO DA QUÍMICA

Alisson de Lima Xavier, Maria das Graças Negreiros de Medeiros e Rafael Batista Reinaldo 316

CAPÍTULO XXXI

VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE QUÍMICA: O PAPEL DA EXPERIMENTAÇÃO NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO NÍVEL MÉDIO

Adriana Lucena de Sales, Emmanuele Maria Barbosa Andrade, Iessa da Silva Dias, Érica Araújo de Almeida e Alberlane da Silva Alves 325

Sobre os autores.....336

CAPÍTULO XVII

A GEOGRAFIA ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA E O ENSINO NA SALA DE AULA

**Sílvio César Lopes da Silva
Maria do Socorro Guedes
Islany Caetano de Souza
Chistiane Jéssika Vidal Santos
Naéda Maria Assis Lucena de Moraes**

A GEOGRAFIA ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA E O ENSINO NA SALA DE AULA

Sílvio César Lopes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGED-UFRN
Natal- Rio Grande do Norte

Maria do Socorro Guedes

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Campina Grande- Paraíba

Islany Caetano de Souza

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Campina Grande- Paraíba

Chistiane Jéssika Vidal Santos

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Campina Grande- Paraíba

Naéda Maria Assis Lucena de Moraes

Faculdade Anchieta do Recife – FAR
Campina Grande -PB

RESUMO: A geografia escolar tem seguido uma longa linha cronológica de acontecimentos que marcaram à sua maneira de ser conduzida dentro das escolas e pensando este espaço, ela é uma forma de dizer algo deste mundo, interpretando-o a partir de um olhar mais fecundo, voltado para os sujeitos, seus espaços e ações. Neste capítulo, apresentamos um resgate histórico sobre esta disciplina, desde o seu surgimento no Brasil até os dias atuais, porém, com alguns recortes temporais, o qual situa nossa reflexão. Com o intuito de revelar as metodologias que eram utilizadas em seu bojo, e que inclusive são discutidas nas áreas pedagógicas e didáticas que envolvem a construção curricular da disciplina no tempo presente, dividindo opiniões acerca das permanências no modo de ensinar a geografia dentro da escola. A nossa reflexão está pautada nas discussões sobre: a geografia escolar e suas interfaces no decorrer da história; e a geografia escolar atual, um grito por renovação ou superação? Traremos um olhar sobre o modo em que a geografia era e é tratada dentro da escola. Baseado numa pesquisa qualitativa, temos o aporte em artigos científicos além de trabalhos executados no campo desta temática para fundamentar o nosso trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia escolar, Sala de aula, Prática, ensino.

INTRODUÇÃO

Sabemos que as diversas disciplinas que hoje estruturam e dão forma ao currículo escolar a qual conhecemos, passaram e passam por constantes modificações em suas formas de se estruturar dentro do mundo educacional. Marcadas por momentos de inovação, renovação, novas ideias, novas propostas, velhas maneiras e permanências, as disciplinas contribuem na construção do

conhecimento na vida de um aluno, antes disso, um ser social que carece de atenção e de conhecimento para posicionar-se no mundo em que vive.

Tem sido desde o tempo em que a escola surgiu como escola, ainda que tenha passado por transformações em sua estrutura física e conceitual, que as disciplinas cresceram, se construíram, e que continuam a se reinventar de acordo com as constantes mudanças que ocorrem no meio social, político e econômico, que pesam na maneira de dar a forma ao mundo em que vivemos.

Partindo disso, ao tratarmos desse assunto neste trabalho, iremos nos ater a disciplina de Geografia na escola, ou seja, um aprofundamento em conhecer a Geografia escolar tanto na atualidade, como através da verificação dos registros existentes na maneira em que a Geografia era ensinada e tratada dentro das salas de aula. Refletiremos sobre como essa disciplina foi trabalhada na escola antiga, tantos em sua história evolutiva, mais voltada no passar dos tempos, como também as suas metodologias que são marcadas por cada momento da história, em que com o surgimento de novas ideias, ou a exclusão destas, deram forma as metodologias utilizadas para se construir o conhecimento no universo escolar na vida dos alunos.

Iniciando suas explorações em sala de aula, a partir do século XIX, período que também marca o surgimento da Geografia como ciência (podemos observar essa quebra de hierarquização do conhecimento), o ensino da Geografia estava quase que centrado no seu inicial propósito, o de efetuar descrição do meio físico, terrestre, levando as pesquisas quantitativas para as salas de aula, e reproduzindo-as sem nenhuma análise crítica destas.

A partir disso, este trabalho tem como objetivo abordar um breve resumo acerca do que acontecia nas salas de aula quanto ao ensino da Geografia nos séculos XIX e XX e que ainda permanecem no século presente, com o aporte nas contribuições de diversos autores que se preocuparam em tratar dessa temática, como ALBUQUERQUE (2011), CAVALCANTI (2000), CARVALHO (1913), GONÇALVES (2010) dentre outros.

Com metodologia baseada na análise bibliográfica, iremos efetuar este trabalho através de pesquisas e leituras de artigos acadêmicos que tratem da temática em questão, para fundamentar as objeções efetuadas pelos autores deste trabalho.

A geografia escolar e suas interfaces ao decorrer da história

O advento de uma sociedade pós moderna e tecnológica, tem modificado a forma de se pensar a geografia, uma vez que novas geografias estão sendo formadas a partir deste novo jeito de conceber e entender as relações humanas e sociais. Tendo por base tais observações é preciso entender que a Geografia Escolar, não surge como algo imposta por um grupo de maior poder sobre as escolas que vigoravam principalmente no século XIX, período que marca a emergência dessa disciplina na grade curricular da escola. Para André Chervel:

[...] a história das disciplinas escolares não é equivalente à história das ciências de referência, dado que aquelas são construções próprias encarregadas de veicular uma cultura particular, e que está constituída por um conjunto de conhecimentos, competências, atitudes e valores que a escola se encarrega de transmitir explicita ou implicitamente aos estudantes como bagagem cultural e patrimônio comum de todos os cidadãos. (GONÇALVES apud CHERVEL, 1990, [Online])

Em que podemos observar que, assim como outras disciplinas, a Geografia se deu dessa forma, mais voltada a estabelecer e sistematizar conhecimentos que seriam importantes para que os alunos pudessem conhecer um mundo em que viviam. No entanto, esses conhecimentos no decorrer dos tempos, tem sido influenciado pelos momentos em que a escola passava no território em que estava estabelecida, ou até com as idealizações que alicerçavam e davam base a ciência construída naquele momento da história.

Primeiramente, a Geografia escolar era tratada de uma forma em que esta, estava apenas encarregada de trazer os conhecimentos do que eram produzidos em outras partes do planeta, fazendo com que os alunos brasileiros fossem “desligados” de sua vivência diárias onde residiam, se distanciando do cenário político e social de onde habitavam, predominava-se uma Geografia meramente descritiva, claro, em conjunto com o que alicerçou o início da sua construção científica, temos o exemplo do significado e a etimologia da sua palavra: Geo =Terra + Graphia = Descrição, ou seja, a descrição da Terra. A primeira escola brasileira a incorporar o ensino dessa matéria foi o Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro, em que tentou se assimilar com os liceus franceses.

[...] quando o modelo francês de organização e funcionamento do ensino passa a ser adotado, o ensino de Geografia permanece praticamente inalterado em suas características de “nítida orientação clássica, ou seja, a Geografia descritiva, mnemônica, enciclopédica” (CAVALCANTI apud ROCHA, 1996 e PEZZATO, 2001, p.65).

Do ponto de vista histórico, a Geografia escolar encontrou-se em momentos de rupturas que inseriram novas propostas além de novas metodologias no processo de ensino- aprendizagem conduzida pelos os conteúdos que davam forma a essa disciplina, a exemplo, são as considerações efetuadas por Delgado de Carvalho, considerado o novo percussor da Geografia Moderna.

Especialista em desenvolver livros didáticos, além de trazer novas propostas para o ensino de Geografia, Delgado de Carvalho faz indagações acerca do modo em que essa Geografia era conduzida dentro das salas de aulas, sempre apontando para o seu estilo mnemônico e descritivo. É nesse período do século XX que a Geografia escolar começa a dialogar com os debates ocorridos dentro das academias (momento da fundamentação da Geografia enquanto ciência), fazendo com que novos conteúdos fossem incorporados a sua base curricular.

Um dos marcos nesse período fora o declínio dessa Geografia Moderna, com a chegada da ditadura militar em nosso país, em que como afirma

Albuquerque:

Esta Geografia escolar moderna vai perdurar até os anos de 1970, quando se institui no país os estudos sociais e se verifica o surgimento de uma Geografia escolar muito conservadora, atrelada à perspectiva pedagógica tecnicista. É quando entra em declínio a circulação de livros mais conservadores como os de Aroldo de Azevedo, Mario da Veiga Cabral, e também outros que já traziam uma perspectiva mais crítica como os de Manuel Correia de Andrade e Ilton Sete. Neste período outros livros didáticos passam a ser elaborados, agora destinados, especificamente, à disciplina então instituída pelo Governo Militar. (ALBUQUERQUE, 2011, p.28)

Mais voltada ao tecnicismo e respondendo ao sistema vigente, essa Geografia escolar agora substituída por estudos sociais, tenta abordar para os estudantes uma exaltação a pátria, além de fomentar nesses alunos o civismo oficial, além de propagar o regime em vigor.

Na atualidade, após o término do regime, além de uma nova redemocratização do ensino, o que tem definido os currículos da Geografia escolar, tanto foram as diversas contribuições da academia científica, com o surgimento da Geografia Crítica, que diga-se de passagem, ainda gera discussões sérias acerca da introdução imediata na escola, além da redefinição do estado, este muito mais atrelado a nova dinâmica global de circulação do capital, tendo como principal exemplo, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais no anos de 1990 em concordância com o que foi estipulado pela ONU, UNESCO e o Banco Mundial (BRASIL, 2001).

É importante a breve explanação acerca desses momentos da Geografia escolar, tendo em vista que eles foram os principais alicerces em que os professores se detinham para explicar suas aulas. É evidente que toda essa maneira de se conduzir o ensino da Geografia dentro da sala de aula, está atrelado aos diversos materiais e métodos utilizados para que isso aconteça. Como citado anteriormente, o ensino era e é baseado em métodos mnemônicos, descritivos e decorativos em conjunto com a utilização de materiais que ainda conseguem fortalecer este tipo prática, sendo este o uso de livros didáticos muitas das vezes descontextualizados e separados em seus conteúdos, além de avaliações em formato de prova, que favorecem o ato de decorar os conteúdos, além daquele processo em que o professor, torna-se constante nas aulas a discutir com os alunos sem que haja uma interação dinâmica, participativa e fluida no modo de mediar o conteúdo em questão.

Partindo dessas prerrogativas, ainda tem se percebido que atualmente essa maneira “antiga” de se ensinar Geografia tem continuado dentro das salas de aula em todo o Brasil, dando força ao argumento de que tanto nas escolas, como na academia, além de setores responsáveis pela propagação dos conhecimentos geográficos, e da própria pedagogia, muito tem se discutido, e muito pouco tem se feito na prática. Já que as discussões não perpassam os debates. Dessa forma, é de suma importância atentar para as questões atuais e fazer da prática uma atualização, voltada as reais necessidades dos alunos.

A geografia escolar na atualidade: um grito por superação ou renovação?

Como sabemos, atualmente tem-se uma persistência dos modos antigos de se mediar o conhecimento da Geografia, sendo eles, o mnemonismo, a descrição, além da apropriação do conhecimento pelos professores de forma decorativa e sem conexão com as realidades em que coexistimos, uma vez que por mais que as discussões e os estudos tendem a avançar na superação de tais práticas arcaicas, as mesmas persistem em continuar.

Partido para o contexto e tendo por experiência uma situação real, a sala de aula, nos deparamos com o estágio supervisionado. Ao adentrarmos em sala de aula, como parte de uma exigência organizada pelo currículo do curso de graduação em licenciatura em Geografia, na disciplina estágio curricular supervisionado, que tem como principal objetivo, realizar essa interação real entre a teoria apresentada nas disciplinas do curso, e a prática, que se constitui como o que ocorre de fato dentro da sala de aula.

Entendemos o currículo a partir da perspectiva sinalizada por Sacristán (2000), quando este afirma que:

[...] é instrumento que cria toda uma gama de usos, de modo que é elemento imprescindível para compreender o que costumamos chamar de prática pedagógica. [...] O currículo, com tudo o que implica quanto a seus conteúdos e formas de desenvolvê-los, é um ponto central de referência na melhora da qualidade do ensino, na mudança das condições da prática, no aperfeiçoamento dos professores, na renovação da instituição escolar em geral e nos projetos de inovação dos centros escolares. (SACRISTÁN, 2000, p.32)

Tais reflexões sinalizadas pelo autor revelam-nos que é preciso entender a prática docente como algo dinâmico, que se recria na complexidade e dinamicidade da sala de aula e dos sujeitos nesta inseridos.

É fato que diversas transformações têm ocorrido nos currículos que dão base aos cursos de licenciatura, a exemplo a substituição dos cursos no estilo 3+1 em que os alunos passavam a maior parte do curso tendo contato com disciplinas voltadas para a ciência geográfica, e logo em seguida, passavam todo o restante do curso (1 ano) em contato com disciplinas de cunho pedagógico, como práticas de ensino, metodologias do ensino e o próprio estágio supervisionado.

Essa maneira de se cursar a licenciatura é determinante na formação dos professores, estes mais especialistas na ciência geográfica, com pouca ou quase nenhuma experiência acerca da maneira de se mediar estes conhecimentos, através dos aportes que a própria pedagogia oferece para sua formação e definitiva entrada ao mundo educacional, levando em consideração o tempo necessário para que essa formação seja efetivada de fato.

Assim, inúmeras ideias têm surgido acerca de se como mediar esse conhecimento, são contribuições que geram e despertam essa inovação dentro das salas de aulas, e que não são recentes, mas que já tem sido considerada relevantes desde o surgimento da escola, a exemplo o estudo do meio, que já foi

sugerido por Elisée Reclus a alguns séculos atrás.

[...] a escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. O que em nossos dias é considerado nas escolas como festas excepcionais, passeios, cavalgadas pelos campos, landas [charnecas] e florestas, nas margens dos rios e nas praias, deveria ser a regra, pois é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior. (ZANARDO apud RECLUS, 2010, p.25).

Numa análise espaço-temporal podemos perceber que esse “grito” que Reclus (2010) efetuou nesse período, era mais voltado a maneira em que a sociedade era conduzida naquela época, e até a escola, esta voltada em promover o bom comportamento por parte dos jovens, numa sociedade cheia de regras e objetivos claros quando ao comportamento social, mas sendo uma contribuição que pode ser considerada atemporal.

Historicamente, as escolas se viram cada vez mais estruturadas para que conduzissem uma aula melhor elaborada e com diversas opções em materiais didáticos, foram avanços na tecnologia, como o surgimento dos projetores, das lousas-interativas, no avanço das mídias dentro da escola, como a utilização de produções cinematográficas, da própria música, além de textos e produções alternativas, aos sempre presentes livros didáticos. Temos então, o que atualmente se configura como ferramentas didáticas para o ensino de Geografia. É preciso atentar para o fato que as tecnologias estão para auxiliar o processo ensino-aprendizagem (GABRIEL, 2013).

No entanto, esses aportes didáticos que estão presentes dentro da escola, não tem sido suficientes ou até inutilizados para que as aulas ocorram de forma diferenciada, em que através das nossas observações nos estágios, percebemos a permanência dos métodos arcaicos na forma de se ensinar a Geografia, tendo como principal preocupação as conclusões que tiramos (talvez precipitadas) do comportamento dos alunos mediante a estes tipos de aulas. Então nos perguntamos, precisamos de uma superação do ensino de Geografia? Ou uma renovação? Tendo em vista que tais conceitos estão correlacionados como mudanças que correm ou precisam ocorrer no contexto em que se inserem. O que ocasiona essas permanências? O que de fato ocorre para que o novo não seja utilizado?

Sabemos que para respondermos essas questões, se torna necessário fazer uma análise alicerçada e contextualizada acerca do que acontece nas escolas e na vida dos atores envolvidos no ensino da Geografia, porque só assim teremos respostas claras, e quem sabe, conclusões que definirão os novos rumos a serem trilhados por essa nova Geografia escolar, que não se fecha por completo, mas que está disposta a sempre se adaptar as mudanças que possam ocorrer em sua estrutura.

O principal motivo dos atuais estudos na área da pedagogia da Geografia é a busca pela superação, renovação, inovação, seja qual for os substantivos que possam ser utilizados para que solicitem a mudança das maneiras de se conduzir

essa disciplina dentro das escolas. Sabemos que são inúmeros os impasses, além das condições que ocasionam esses tipos de atitudes por partes dos professores em suas atividades escolares. São as condições trabalhistas, a carga-horária, os problemas de saúde, além de muitas das vezes, a formação destes que acaba sendo descontinuada, partindo do pressuposto de que, o ser professor, requer atualização e constantes reciclagens da sua carreira discente.

Para compreender toda essa dinâmica que envolve as práticas pedagógicas da Geografia, se torna necessário efetuar uma averiguação do que tem acontecido durante o passar dos tempos nessa disciplina escolar. Percebemos que as condições da sociedade em relação ao tempo-espço em questão foram determinantes na condução dessa disciplina dentro das salas de aulas.

Considerações finais

A partir do que foi exposto, podemos perceber que com as novas propostas que tem surgido no meio acadêmico, além de termos uma comunidade escolar, chega-se a conclusão que com uma nova geração de professores está sendo formada, com uma visão mais crítica acerca do ensino da Geografia. A formação que os mesmos vem tendo, tem proporcionado uma atitude mais crítica e realista no que se refere ao ensino da Geografia, a forma como se situa no mundo, bem como olhar e transformar esse mundo.

Por outro lado, com os investimentos que vem sendo efetuados no mundo educacional, principalmente de ordem pública, tanto nas escolas, como nos cursos superiores, teremos também professores cidadãos mais posicionados acerca do que eles querem ao ensinar a Geografia, ciência que requer uma apropriação e análise do que o mundo oferece em suas produções e reproduções, óbvio, efetuadas cada vez mais constantes pelos seres humanos.

Para tanto, basta que haja uma junção de todas as pesquisas e contribuições efetuadas para esta renovação, para que, com o passar do tempo, essas novas maneiras se tornem constantes em todas as escolas, demonstrando principalmente, que elas não passam apenas de contribuições, mas que alteram profundamente na construção do conhecimento na vida dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. **Dois momentos na história da geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. Campinas, 2011.

BRASIL. MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2001 v.I; il.

GABRIEL, M. **Educar**. A (r) evolução digital na educação. -1ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2013.

GONÇALVES, M. R. **A geografia escolar como campo de investigação**: História da disciplina e cultura escolar. Uberaba, 2010.

MELO, A. A; VLACH, V. R., SAMPAIO, A. C. F. **História da geografia escolar brasileiro**: Continuando a discussão. Uberlândia, 2009.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. 3. Ed. – Porto Alegre: ArtMed, 2000.

ZANARDO, F. Práticas Pedagógicas Libertárias e a proposta de trabalho de campo na Geografia de Élisée Reclus. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, 2013.

ABSTRACT: School geography has followed a long chronological line of events that marked its way of being conducted within schools and thinking this space, it is a way of saying something of this world, interpreting it from a more fertile, aimed at the subjects, their spaces and actions. In this chapter, we present a historical rescue on this discipline, from its emergence in Brazil to the present day, but with some temporal cuts, which situates our reflection. With the purpose of revealing the methodologies that were used in its bulge, and that are even discussed in the pedagogical and didactic areas that involve the curricular construction of the discipline in the present time, sharing opinions about the permanences in the way of teaching geography within the school. Our reflection is based on the discussions about: school geography and its interfaces in the course of history; and the current school geography, a cry for renewal or overcoming? We'll take a look at how geography was and is treated within the school. Based on a qualitative research, we have the contribution in scientific articles as well as works carried out in the field of this subject to base our work.

KEYWORDS: School geography, Classroom, Practice, teaching.

tiagopark@gmail.com

Valéria Marinho Leite Falcão: Graduanda em Licenciatura em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Paraíba; Grupo de pesquisa – Grupo de Pesquisa em Ensino Química - GPEQ; E-mail para contato: valeriafalcao001@gmail.com

Valeria Rodrigues Marques Rosa: Estudante do Ensino Médio Integrado em Agrimensura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) - Campus Cuiabá. E-mail: valeriarrosa@gmail.com

Viviane Sousa Rocha: Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba (2016). Foi monitora dos componentes curriculares Filosofia da Educação e Pensamento Pedagógico Contemporâneo. Desenvolveu pesquisas na Empresa Brasileira de Agropecuária (Embrapa), como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), entre os anos de 2013 à 2015. Mestranda no programa de pós graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Wagner Salgado da Silva: Graduação em Licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE – *Campus Recife*;- Grupos de Pesquisa: Educação: Políticas e Práticas Pedagógicas e Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências – GEPEC; Bolsista do PIBIC financiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE – *Campus Recife*; E-mail: wagnersalgado@hotmail.com.br

Wdson Costa Santos: Professor de Química do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA – *Campus de Vitória da Conquista*; Graduação em Licenciatura em Química pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB (2009); Mestrado em Química Analítica pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2012); Grupo de pesquisa: Coordenador do subprojeto PIBID/CAPES

Weslei Oliveira de Jesus: Acadêmico do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Têm interesse na área de Ensino de Química.

Ythallo Henrique Sebastião Gomes Costa: Estudante do Ensino Médio Integrado em Agrimensura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) - Campus Cuiabá. E-mail: ythallo.henrique@gmail.com

Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti: Professora da Universidade do Estado de Pernambuco (UPE); Graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Mestrado Profissional em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (UPE); Grupo de pesquisa: Linguagem em Contexto Educacional/UPE; E-mail para contato: zairacavalcanti@hotmail.com

Zuleika Alves de Arruda: Professora de Geografia do Ensino Médio e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) - Campus “ Octayde Jorge da Silva” - Cuiabá. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-Doutorado no Departamento de Geoinformática da Universidade Friedrich Schiller - Universitat Jena, FSU, Alemanha. E-mail: zuleika.arruda@cba.ifmt.edu.br

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-85-1



9 788593 243851